

Blogs e o Diário de Fronteira

Blogs são diários *on line*. Ao se aproveitar o *link* do usuário do orkut, na comunidade “Clarice Lispector”, a tese agora promoverá o encontro entre a linguagem do diário, a obra *Fronteira* de Cornélio Penna e o conceito do Fora. Afinal, rizomas são devires, encontros, e a internet é a força de conectividade que faz o agenciamento nesta tese.



Circuitos intensivos se articulam no plano de imanência Cornélio Penna, até movimentar a escrita e o pensamento, sempre à espreita do acontecimento puro⁶⁵ da dissipação. Apenas para usar um devir-animal recorrente na filosofia de

⁶⁵ O “acontecimento puro”, como já se mostrou é **um entre-ser, um interser**: a E b, isto E aquilo, o E em vez do É, o que se passa *entre*. É o puro Evento, é um potencial, uma potencialidade inexistente fora das suas atualizações e, todavia, não limitável por elas. Incorporal sem ser vago, ele é perfeitamente individuado, é uma individuação por intensidades, um modo de individuação “que já não é o de uma coisa, de uma pessoa ou de um sujeito”.

Gilles Deleuze, este platô flui como uma matilha de lobos à caça da refeição. Em sua multiplicidade, atentos, com presas afiadas e o olfato aguçado, a partir do conceito do rizoma, se intensifica um devir-caçador.

Entretanto, precisamos enfatizar como o rizoma *acontece*. A dissertação de *mestrado Formas rizomáticas na Internet, leitura/escritura no Mundo Digital* se desdobra:

Para Gilles Deleuze e Félix Guattari, o que está em questão no conceito de rizoma são os agenciamentos, com que naturezas farão alianças, ou seja, quais serão as diferentes formas de agenciamento que poderão surgir em novos encontros. **O rizoma é sempre relacional, intersticial, surge no entre lugares, através de um platô de intensidades**, perfurando raízes, atravessando gramas, tomando emprestado o ritmo das ondulações dos mares, ou mesmo sendo puro movimento como nas imagens singulares criadas por Deleuze e Guattari: pode até apresentar-se como o deslize de um animal sobre o outro, em manadas ou matilhas. Deleuze e Guattari, os dois autores oferecem repetidos exemplos das matilhas dos ratos como processo rizomático animal.⁶⁶

Esta linha de fuga perfura algumas naturezas da literatura de dissipação⁶⁷: a proliferação intensiva sobre o humano. Mas como o fragmento/dissipação surge a partir deste platô de intensidades, a que se referem Gilles Deleuze e Félix Guattari, e que é condição de possibilidade dos encontros? Como esta zona intensiva se expressa? Como ela permite o aparecimento da expressão *rizoma* (que é sempre um “sistema a-centrado não hierárquico e não significante, onde qualquer ponto se conecta a qualquer outro, se assim quiser sua potência, unicamente definido por uma circulação de estados”), a qual se referem os dois filósofos em *Mil Platôs*?

⁶⁶ Deleuze; Guattari, 1996, p. 12, vol. 4. Nesta passagem, Deleuze e Guattari fazem extensa explanação sobre o filme “Willard, de Daniel Mann”, onde um rato é o personagem principal.

⁶⁷ De uma maneira rizomática se repetirá por excesso, em uma nota, o que se entende por “literatura de dissipação”: é justamente uma literatura da descontinuidade, onde a lógica não é mais o caule central que move o enredo ou o discurso. Ela necessita de platôs para fazer emergir intensidades, forças, sua segunda voz, o indizível sobrevoante, o sentido como expressão de um acontecimento puro, tornam-se suas principais manifestações. E, sem dúvida, os conceitos de Deleuze e Félix Guattari se aplicam em sua definição. João Gilberto Noll a chamará de “lenguaje invertida” e os devires, sejam dos personagens, de aparições ou fantasmas, expressões incorporais de fluxos intensivos procurarão à visibilidade. A-significação que desconstruirá a linguagem em suas manifestações, transe e êxtases, darão movimento as coisas, a realidade das coisas, estranhos sons também a desarticulação (a linguagem), serão também algumas presenças recorrentes em sua expressão de desmanche.

Vai ser a partir da leitura de Gregory Bateson, em um ensaio sobre a cultura balinense e seus transe em jogos sexuais atípicos, que os dois filósofos explicitarão o que significa platô. Em *Bending Time, Theory and Gender in Java and Bali (With Reflections for a Documentary Treatment)*⁶⁸, Josko Petkovic, produtor e diretor de filmes documentários, tornará ainda mais claro o termo de Bateson, e como um “platô” se expressa:

The word 'plateau' comes from an essay by Gregory Bateson on Balinese culture, in which he found a libidinal economy quite different from the West's orgasmic orientation. In Deleuze and Guattari, a plateau is reached when **circumstances combine to bring an activity to a pitch of intensity that is not automatically dissipated in a climax**. The heightening of energies is sustained long enough to leave a kind of afterimage of its dynamism that can be reactivated or injected into other activities, creating a fabric of intensive states between which any number of connective routes could exist.⁶⁹

A partir de novas rotas de estados intensivos, ou melhor, de um ponto culminante de intensidade, micro-explosões da sensibilidade, que permitem devir ou devires, que, de *inexato* modo, é o ponto de tensão máximo, que leva os escritores e os artistas a dizer o que eles não podem dizer, se ficará em confronto permanente com outra voz, uma segunda voz que sai abrupta do meio da escrita. Eis novamente o inexprimível, o Neutro, o subjacente rizomático. A inaptidão para a lógica. O extraproposicional. O Evento. São tantas as menções na busca do que a dissipação quer apenas deixar ressoar, no túnel de flores desérticas e infinitas dos interstícios, nas rupturas, no rumor da literatura, são tantos os nomes para o que se furta à nomeação. O que fazer então? Seguir até o excesso. *Forward*.

Sobre o gênero romance, em entrevista para a revista americana *Brasil/Brazil* (em artigo de Reinaldo Laddaga), João Gilberto Noll deixa entrever um átimo da aparição da voz da dissipação, da “voz invertebrada” que se atualiza na linguagem:

⁶⁸ Artigo retirado do site: <http://www.murdoch.edu.au/intersections.html>

⁶⁹ Esta passagem se refere ao livro de Bateson, 1972.

As pessoas têm que ir para um romance como vão para o lugar onde pode se sentir o êxtase, onde se pode sentir transe. O que é o êxtase? É a coagulação. O romance pode ser a coagulação desse instante. Porque às vezes você está metido dentro daquele fluxo incessante, dentro daquela voragem de ação da vida. E o romance pode coagular, presentificar ao máximo a condição humana de uma maneira geral. Isso é purificador.⁷⁰

Dar voz à voragem da ação da vida. À dissipação como estado intensivo, purificador, transe e ruptura que atravessa o humano com o que é inumano, estar no eco, ser o urro, o sem linguagem, o devir-caçador deste platô em busca de um devir-animal invertebrado. E Reinaldo Laddaga ainda nos fala sobre esta linguagem:

Pero, que qué es um “lenguaje invertebrado”? Un lenguaje sin viga maestra” y que “no quiere ir a ningún punto? Y que quiere decir, en el caso de un lenguaje, no querer ir a ningún punto? Que quien lo habla, lo hace sin proyecto, en todo caso, de comunicar significados estabilizados substanciales”, estados de ánimo fijados o estados de cosas.⁷¹

E esta linguagem invertebrada não é senão o “acontecimento puro” de Deleuze, porque é a pura evenemencialidade das coisas, mas “não porque designam as coisas, os estados de ser, nem os fatos, as ações exercidas e as paixões sofridas pelos corpos e as modificações corporais atuais e decorrentes de umas e de outras” Para Deleuze, o “acontecimento puro” é o virtual:

Falando com propriedade, um acontecimento não existe fora de suas efetuações. Mas também não se esgota nelas, não está apenas no seu existir atual. Ele subsiste fora dessa existência sensível, não como uma noção geral, simplesmente inteligível, **mas como uma singularidade real estritamente virtual**. O acontecimento é virtual, ou melhor, é o virtual.⁷²

Para Deleuze o virtual não se opõe ao real, mas apenas ao atual. O que se opõe ao real é o possível e o virtual não é o possível, não é idealizado primeiro e depois se realiza. Ao possível cabe ou não se realizar. É o tudo ou nada. Ou se

⁷⁰ “Introducción a un Lenguaje Invertebrado, Una Situación de João Gilberto Noll”, pág 157, revista Palavra nº 7.

⁷¹ “Introducción a un Lenguaje Invertebrado, Una Situación de João Gilberto Noll”, p. 160, *Palavra* nº 7.

⁷² Sousa Dias, 1995, p. 89.

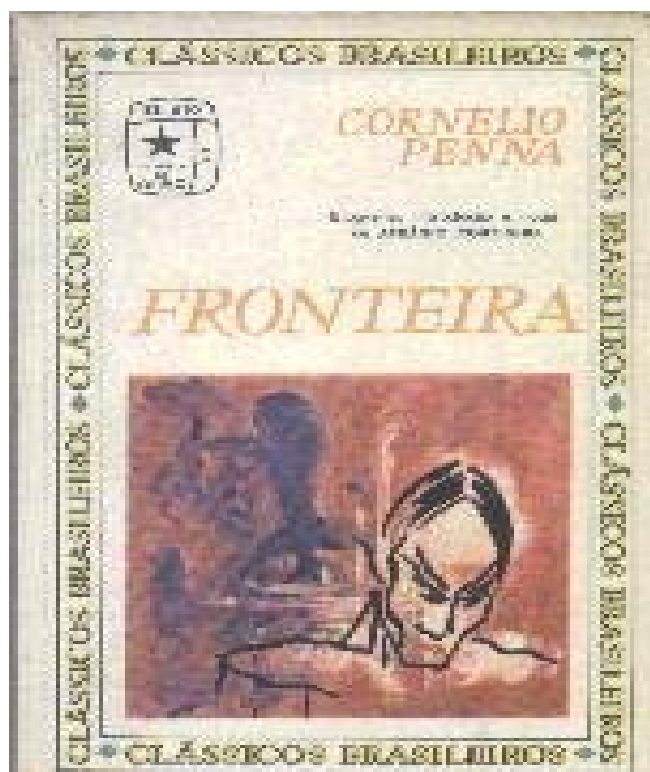
realiza ou não. O virtual não tem carência de realidade, *ele é parte dela enquanto imanência*; e o que os seres ou as coisas existentes podem oferecer a ele (virtual) é somente a atualidade, uma maneira de se tornar visível. É que o atual é apenas uma parte da realidade. “O virtual constitui uma estrita parte do objeto real – como se o objeto tivesse um das suas partes no virtual e nele mergulhasse como numa dimensão objetiva”. Realidade e atualidade não são a mesma coisa (a atualidade é apenas uma parte da realidade). A questão aqui, para Deleuze, não é conceber que a existência é um salto, um ato puro, transcendente, já pré-ideado, submetido ao tudo ou nada. Quando cria o conceito de virtual, ele quer mostrar como acontece a diferença, o processo criativo do mundo como novidade, e que tem o virtual como atualização da diferença (mesmo quando se repete), e não pela semelhança, como ocorre quando relacionamos o possível e o existente. O possível já existe, idealmente, e como cópia – basta agora que ele pule da idéia para a realidade, não é isso. O virtual é imanente e toda a existência é uma imanência do real. Mas o virtual também é diferença, que se atualizará na matéria ou nos seres – pode-se afirmar que a atualização é um processo do virtual e o virtual é uma evenemencialidade objetiva e *pré-ôntica, caosmologia*, como diria Deleuze. O trecho abaixo deixará esta noção mais clara:

Em contra-partida, afirmar a produção ontológica como atualização de estados virtuais corresponde a afirmar essa produção como inovação: se entre o possível e o real a relação é de semelhança e de limitação (realizar uma certa possibilidade é deixar outras irrealizadas), entre o virtual e o atual ela é de divergência e de criação. **É que o virtual como tal não é o atual pré-formado, a imagem do atual num plano prévio ideal, ele é sem imagem e, por conseguinte, sem identidade, pura multiplicidade de movimentos absolutos inseparáveis, em contínua variação. Pelo que ele só pode atualizar-se criando**, de cada vez, as suas linhas de atualização, as quais são por isso também linhas de diferenciação...⁷³

O virtual é uma singularidade pré-individual, sem imagem, pura potência da Vida em sua expressão de multiplicidade. É um “acontecimento puro” que sobrevoa a linguagem como insistência, se atualiza nela, e como dizem os estoícos: “o acontecimento habita a fronteira **entre** a linguagem e os corpos”. Está entre, é um quase-ser. É o que a literatura de dissipação deixa entrever e será

⁷³ Idem, p. 91.

através da “multiplicidade”, o 3º princípio do conceito rizoma, em *Mil Platôs*, que ela se tornará mais evidente.



74

⁷⁴ <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-39452165-- JM>